



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à Rádio França Internacional (Pierre Ganz), à TV 5 (Slimane Zeghidour) e à Revista Paris Match (Olivier Royant)

Palácio do Planalto, 04 de maio de 2005

Jornalista Slimane Zeghidour (TV 5): Senhor Presidente, muito obrigado por nos receber aqui, no Palácio do Planalto, para a sua primeira entrevista concedida a jornais, televisão e rádio estrangeiras. Estamos muito felizes e gostaríamos de formular algumas perguntas sobre o papel que o Brasil representa no plano internacional. E tenho, aqui, os meus colegas Pierre Ganz, da Rádio França Internacional, e Olivier Royant, da Revista Paris Match.

Se o senhor me permite, a minha pergunta é a seguinte: desde que o senhor se elegeu, o senhor já visitou, aproximadamente, 14 países africanos, cinco países árabes, o senhor foi à China, daqui a pouco o senhor vai ao Japão e à Coreia do Sul, o senhor viaja muito. E sentimos que o senhor, realmente, tem essa vontade de dar mais visibilidade a seu país no cenário internacional, que ele talvez tenha mais influência.

Portanto, a pergunta é: qual é a mensagem que, por seu intermédio, o Brasil quer transmitir ao mundo?

Presidente: Bem, primeiro, dizer que é uma alegria, uma satisfação receber três jornalistas importantes da França, no ano em que França e Brasil estão fazendo um ano de integração mais forte, no campo cultural, no campo comercial, no campo político, e poder dar uma entrevista para vocês neste ano, que é muito importante para o Brasil e, certamente, muito importante para a França.

Bom, eu tenho viajado, primeiro, porque eu acredito em duas coisas: trabalhamos fortemente a integração da América do Sul. Historicamente, o



Brasil, embora tenha fronteira com dez dos doze países da América do Sul, nós, normalmente, olhamos muito para a Europa e para os Estados Unidos e pouco para a América do Sul.

Muito se falava na integração da América do Sul, mas pouco se fazia para essa integração. Não apenas uma integração do ponto de vista comercial, mas uma integração física, que levasse em conta o trânsito das pessoas, que levasse em conta a possibilidade de trabalho das pessoas, que levasse em conta as ferrovias, as rodovias, as pontes, portos, aeroportos, telecomunicações e energia, que precisa consolidar essa integração física da América do Sul para que possamos aumentar as nossas relações e ter uma integração muito forte, muito ativa, eu diria, como condição básica para que a América do Sul deixe de fazer parte de um mundo subdesenvolvido ou mundo em desenvolvimento, para passar para o mundo desenvolvido.

Eu coloquei na minha cabeça que o século XXI – como foi o século XIX para a Europa e como foi o século XX para os Estados Unidos – pode ser o século dos países do Terceiro Mundo, dos países que foram pobres no século XIX e no século XX.

Hoje nós temos a América do Sul mais ou menos consolidada, quando nós criamos, no ano passado, a Comunidade Sul-Americana de Nações. Há um convencimento, não só da sociedade, mas dos políticos, de que nós precisamos nos integrar.

E o Brasil está dando a sua contribuição, como país maior do Continente, como maior economia, nós estamos dando a nossa contribuição, financiando exportações de serviços, para que a gente possa financiar rodovias, para que a gente possa financiar energia elétrica nos países da América do Sul. Está mais ou menos consolidado que nós avançamos em dois anos o que não avançamos em 20 ou 30 anos passados.

Depois, a África. Nós tínhamos e temos um déficit, uma dívida histórica com a África, ou seja, durante 300 anos os negros livres eram tirados da África



e enviados para o Brasil e para outros países – Estados Unidos, Haiti, Cuba – para se transformarem em cidadãos escravos, perdendo a sua condição humana.

Obviamente que o Brasil é um país pobre, nós temos consciência de que não podemos fazer tudo. Mas nós poderemos aprimorar e aperfeiçoar as nossas relações com os países africanos. Por isso eu visitei tantos países africanos e pretendo visitar mais cinco ou seis no ano que vem, para que a gente possa consolidar não apenas uma integração política, uma integração cultural, mas para que a gente possa discutir o que um país como o Brasil – ou outros países desenvolvidos – podem fazer para ajudar a África. Algumas pessoas pensam que é só dinheiro, e eu acho que não é só dinheiro. Às vezes um projeto agrícola, às vezes um projeto habitacional, às vezes um projeto de saúde – em que o próprio país doador organiza a ONG dentro do país, para ajudar a construir – pode ajudar muito o desenvolvimento de um país atrasado.

E, por último, os países árabes. Eu penso que vocês sabem que o último estadista brasileiro que viajou para o Líbano, por exemplo, foi Dom Pedro, em 1846, ou seja, há um século e meio atrás.

Nós entendemos que a nossa relação com o mundo árabe, também ela tem que ter um forte componente político. Nós precisamos descobrir o mundo árabe e eles têm que descobrir a América do Sul, para que percebam que o mundo não é apenas União Européia e Estados Unidos, mas que o mundo é muito maior do que isso. E eu penso que nós vamos culminar uma grande política quando fizermos a Cúpula, na próxima semana, no Brasil.

E, depois, a China, com quem nós temos uma relação estratégica, pelo peso da China, pela similaridade tecnológica, pela similaridade dos problemas que temos, entre Brasil e China. Nós somos um país que não tem contencioso histórico com a China, portanto, fica muito mais fácil fazer relações.

Nós temos uma forte relação com a Índia. Construimos essa relação com a Rússia, por uma razão simples, ou seja, quem não é o maior tem que se



preparar, junto com outros iguais para que, juntos, tenham um somatório de forças, capaz de permitir que a gente possa negociar em igualdade de condições com os países ricos.

É isso que nós estamos fazendo, respeitando o papel de cada país, respeitando a Europa, que é um parceiro excepcional do Brasil, do Mercosul e da América do Sul; respeitando os Estados Unidos, que é o principal parceiro individual de quase todos os países. Ou seja, nós estamos fazendo essa política sem precisar de nenhum antagonismo com os nossos parceiros históricos, que são a União Européia e os Estados Unidos.

Jornalista: Senhor Presidente, o senhor vai participar da reunião do G-8, em julho próximo. O que o senhor sentiu na primeira vez que o senhor participou do G-8, em Evian, quando o senhor se sentou à mesa com os grandes do mundo? O senhor se sentiu diferente de Schroeder, de Blair, de Bush?

Presidente: Olha, eu me senti muito à vontade, porque eu estava lá com os principais 20 dirigentes do mundo, pessoas muito importantes, de países importantes, que eu até nem imaginava conhecer durante o meu mandato de quatro anos. E, de repente, eu estava lá para poder falar de um assunto pouco discutido nas reuniões dos dirigentes do mundo, que é a questão da fome e do enfrentamento ao problema da pobreza.

E eu penso que conseguimos estabelecer uma relação muito boa. O presidente Chirac teve um papel importante nessa reunião ao defender a proposta do Brasil de combate à fome e ajudar a provocar os outros países a colocar a fome na ordem do dia. Porque quando se aprova nas Nações Unidas, se estabelece as Metas do Milênio e se dá um prazo até 2015, mas não se discute como acabar, os países ricos já não têm que cumprir nada das Metas do Milênio porque já resolveram os seus problemas, mas os países pobres têm que cumprir. E em que condições? Com que investimento? Com que



financiamento? Com qual política de juros? E essas coisas é que nós temos que discutir.

Eu estou convidado, outra vez. Vou à Escócia, no dia 8 de julho, para discutir não apenas a questão climática, mas discutir a questão da pobreza no mundo, que eu acho que é o grande tema a ser discutido. Ou nós assumimos a responsabilidade de fazer com que aqueles que comem tenham solidariedade com aqueles que não comem, ou nós não resolveremos o problema da miséria no mundo.

E eu acho que é esse o meu papel de falar um discurso para os presidentes entenderem que o problema não é apenas o da grande política que, muitas vezes, aparece nos jornais, porque tem o problema de um povo, lá embaixo, que não tem sindicato, que não tem partido, que muitas vezes não tem nem como reivindicar, porque quem está com fome não faz a revolução, quem está com fome fica submisso, fica dependente, fica esperando um favor do governante. E eu acho que eu posso falar em nome dessas pessoas e chamar a atenção dos presidentes. Por isso eu me senti à vontade e pretendo, agora, na Escócia, voltar ao tema outra vez, para que a fome não saia da cabeça dos principais dirigentes políticos do mundo.

Jornalista: Na entrada do seu escritório, há alguns retratos da sua trajetória de sindicalista. Essas fotos, o senhor pensa nelas quando o senhor está discutindo, com esses chefes de Estado, esses problemas muito concretos que o senhor passou? Esse seu passado lhe ajuda?

Presidente: Eu não penso nas fotos, eu quase não vou lá para ver as fotos. Mas eu tenho clareza da minha origem, eu tenho clareza de que lado eu estou, eu tenho clareza do que e para que fui eleito no Brasil, e tenho clareza das dificuldades que nós temos para atender aquilo que eu reivindicava quando era dirigente sindical.



O dado concreto é que, em apenas dois anos e quatro meses, nós conseguimos fazer o que não foi feito neste país em muitos anos. Eu diria a você que se pegarmos a questão da criação de empregos, enquanto nos 8 anos anteriores ao meu governo se criava 8 mil empregos por mês, no meu governo, nesses dois anos e quatro meses, nós estamos criando uma média de 91 mil empregos mensais, ou seja, onze vezes mais do que foi criado no governo anterior.

Se você pegar a agricultura familiar, nós triplicamos os recursos para a agricultura familiar em apenas dois anos e, praticamente, atingimos 75% da agricultura familiar com assistência técnica, que era zero quando nós entramos. Apenas para citar dois exemplos do mundo que eu vim.

Ao mesmo tempo, nós estamos acreditando seriamente que um país como o Brasil, para atingir um padrão de um país desenvolvido, precisa investir muito na educação. Temos um forte programa de alfabetização e agora estamos extremamente preocupados em criar as condições para termos financiamento para, no ano que vem, começar o maior programa de ensino médio que este país já teve, ou seja, tentar universalizar, colocando todas as crianças brasileiras para fazerem o ensino médio. Este ano nós vamos ter uma coisa muito importante no Brasil. Nós vamos ter 112 mil novos jovens, fora da cota tradicional da universidade brasileira, fazendo universidade, com bolsa financiada pelo governo brasileiro, através de isenção de universidades particulares.

Além disso, nós criamos quatro universidades federais. Fazia 40 anos que não se criava universidades federais no Brasil, o máximo que se fazia era extensão de campi universitário. E estamos levando as universidades para as regiões mais pobres do Brasil, porque, normalmente, as universidades estão nas grandes cidades ou nas capitais, e nós estamos levando as universidades para as regiões mais empobrecidas do Brasil, para que a universidade seja um fator de desenvolvimento das regiões mais empobrecidas. De forma que eu



tenho consciência de que ainda estou longe de atender aquilo que eram as minhas próprias reivindicações, mas estou ciente de que o que nós fizemos em dois anos já foi muito mais do que foi feito ao longo de muitos outros anos em que nós não governávamos o Brasil.

Jornalista: Senhor Presidente, o senhor insistiu que nas relações, na política internacional que o senhor está desenvolvendo, claro, está o comércio, que tem a sua importância, mas o senhor também enfatizou o aspecto cultural, falando da dimensão africana do Brasil, um país que tem uma dimensão também ameríndia e europeia. Então, a perspectiva da Cúpula dos Países Árabes e dos Países da América do Sul, que vai iniciar-se no dia 10 de maio próximo, aqui, em Brasília, muitas vezes o senhor colocou, em primeiro plano, esse aspecto desconhecido, também que o seu país acolhe a maior diáspora árabe do mundo, aproximadamente, o senhor disse, 10 milhões de descendentes. E eu soube que o senhor teve a idéia, a iniciativa dessa Cúpula entre os Países Árabes e a América do Sul.

Portanto, a pergunta é: o que o senhor espera dessa Cúpula? O senhor deseja que essa Cúpula seja o início para criar um precedente para que exista uma parceria Sul-Sul?

Presidente: Veja, esse é o objetivo. O objetivo é que a América do Sul descubra o mundo árabe, porque muitas vezes nós vemos os dirigentes árabes viajando o mundo inteiro, mas poucas vezes viajam para a América do Sul. E os nossos dirigentes viajam muito o mundo, para a Europa, o Japão, os Estados Unidos e não viajam para o mundo árabe. O que nós queremos, na verdade, é que essas pessoas se conheçam, conheçam a realidade de cada país, comecem a estabelecer política de turismo, política cultural, política comercial. Eu vou dar um pequeno exemplo. Nesses dois anos de governo, com todas as viagens que fizemos, a relação comercial Brasil-África cresceu



48%, a relação com a América do Sul cresceu 58%, e a relação com o mundo árabe cresceu 65%.

Ora, não é possível que um país da dimensão do Brasil, que o Mercosul e que a América do Sul, que representa um PIB de mais de um trilhão de dólares, não saia ao mundo para vender as coisas que entende que tem para vender, para mostrar a sua cultura, a sua arte. Por exemplo, na África, o povo brasileiro é a cara do povo africano. Nós somos a segunda nação negra do mundo. Só perdemos para a Nigéria. A nossa música, a nossa cor, o jeito de ser do brasileiro, a sua alegria tem tudo a ver com a África.

Então, nós não podemos nunca prescindir de uma relação muito forte. Por isso, nós estamos defendendo que o Brasil coloque à disposição dos africanos os seus conhecimentos: mais bolsas de estudo para estudantes africanos, que o Brasil ajude a África a combater a AIDS, que o Brasil ajude a África a desenvolver a sua agricultura. O Brasil tem condições de que empresas brasileiras invistam na África, que possam fazer parceria com a África. É essa política que eu acho extremamente importante. E com o mundo árabe é a mesma coisa.

Veja, nós temos muita integração. Um país que tem dez milhões de descendentes árabes aqui é um país quase árabe. Eles estão metidos nos partidos políticos, no futebol, estão envolvidos no samba, na nossa cultura, na nossa indústria, no nosso comércio. Então, o Brasil não pode abrir mão do privilégio de ter essa irmandade com o povo árabe, de ficar tão distante, vendo toda hora o príncipe da Jordânia e da Arábia Saudita irem à Europa e aos Estados Unidos fazerem negócio, quando podem fazer aqui. Nós poderemos oferecer a eles as coisas boas.

Eu acho que isso se chama integração dos povos. Integração dos povos para quê? Para que possamos ter uma participação maior nas decisões políticas dos foros multilaterais. Nós sabemos que a ONU precisa de reforma. Nós sabemos que a ONU não pode continuar a ter o padrão de 1945. Ela tem



que se modernizar e se adaptar ao século XXI. Se olharmos para o mundo, vamos perceber que a geografia do mundo não é a mesma de 1945, é outra. As forças políticas são outras, as forças econômicas evoluíram. Então, nós precisamos mudar. A OMC precisa ser democratizada. Quando o Brasil entra na OMC brigando contra subsídio do açúcar – os europeus criavam problema para nós – e nós ganhamos; quando o Brasil entra na briga do algodão, e ganhamos, quem é favorecido não é apenas o Brasil, comercialmente. No algodão, sobretudo, são os países africanos que ganham, que têm no algodão grande parte da economia.

Então, o que nós queremos é que os pequenos se entendam para, juntos, terem mais força para negociar com os países maiores, que também têm seus direitos. Eu não sou daqueles que ficam aqui, sentado na minha cadeira, achando que os Estados Unidos são imperialista, que a França é imperialista, que não sei quem é imperialista. Cada um defende os seus interesses. Nós defendemos os nossos, os países ricos defendem os deles. E esse jogo de força, esse jogo de adversidade na democracia é que vai permitir que conquistemos um pouco aqui e um pouco ali. E a sensibilidade do ser humano. O ser humano tem 20% de razão e 80% de emoção. E, com o tempo, vamos convencendo as pessoas de que não é justo permitir que, nos dias de hoje, com os avanços tecnológicos que nós temos, com o avanço da engenharia genética, possamos assistir a uma criança morrer de fome, a pessoas não tendo o que comer. É apenas disso que eu acho que temos que convencer as pessoas.

Por isso que eu sou um homem de muita fé, de muita disposição. Estou à disposição para andar o mundo inteiro, e vou fazendo, aqui no Brasil, o que acho que é certo. O nosso programa Fome Zero já atende, hoje, a 6 milhões e 700 mil famílias. O meu compromisso é atender às 11 milhões de famílias que estavam abaixo da linha da pobreza. Neste final de ano chegaremos a 8 milhões e 700 mil famílias e, se Deus quiser, em dezembro de 2006 estaremos



atendendo à totalidade das pessoas que não têm o que comer neste país.

Jornalista: O senhor parece interessar-se muito, é apaixonado pela política internacional. Será que o senhor encontra nessa diplomacia internacional essa luta das negociações, essa luta que o senhor tinha nas suas lutas sindicais? A sua experiência sindical lhe ajuda?

Presidente: Muito porque, veja, eu aprendi a fazer política numa época de muita confrontação. Ora com o regime militar que predominava no Brasil, que governava o Brasil, ora com os empresários que se valiam de um momento de autoritarismo para criar dificuldades nas negociações.

E nós aprendemos a introduzir nessa relação com os empresários um jeito civilizado de fazer negociação. Ou seja, eu compreendo o discurso do presidente Chirac em defesa do subsídio da agricultura dos franceses, por quê? Porque ele tem que defender os interesses dos produtores franceses. Eu compreendo perfeitamente bem e jamais vou ficar chateado, vou ficar com raiva porque ele defende esses interesses. Eu não fico chateado quando o Bush defende os interesses dos Estados Unidos, ou quando a Alemanha defende os seus interesses. Eu fico chateado é quando um governante de um país pobre não defende os seus interesses.

Como eu aprendi na minha vida sindical que nenhum interlocutor, nenhum, respeita um outro interlocutor que não se respeita. Então, eu digo sempre aos meus companheiros: “olha, respeito é bom. Eu gosto de respeitar e gosto de ser respeitado”. O Brasil tem interesses, o Brasil tem direitos, o Brasil tem deveres. Eu estou brigando apenas para tornar esse mundo negocial mais equânime, mais justo para todo mundo, porque o mundo produz riqueza para todo mundo.

Então eu, por exemplo, não me queixo dos outros. Eu tento resolver os meus problemas, acho que parte da pobreza do Brasil não depende dos



Estados Unidos, ou não depende da Europa, ou não depende da França, ou não depende da Argentina, depende de nós. Então, vamos ter que resolver.

Agora, da África, não. Da África, parte da pobreza depende de 300 anos de colonização que foi feita naquele país em que, durante 300 anos, se tirava as pessoas com mais saúde, as pessoas jovens, mais fortes e transformavam em escravos.

Então, nós temos dívida com a África. O Brasil tem, a França tem, os Estados Unidos têm, Cuba tem, o Haiti tem. O Haiti não pode pagar, e Cuba, mas nós podemos pagar. Então, vamos tratar de começar a pagar essa dívida, porque nós poderemos transformar o século XXI no grande século da solidariedade, no século em que nós, governantes, e o povo vamos provar que nós somos humanistas, do dedão do pé ao último fio de cabelo, e que nós queremos criar um mundo mais solidário, mais harmônico. Não precisa muito para isso. Quando fizermos isso não haverá guerra, quando fizermos isso não haverá essa loucura que existe, hoje se investe mais na produção de armas do que na produção de comida.

Parece utópico, mas eu não sei se o ser humano consegue viver sem uma grande utopia a ser atingida. E eu vou acreditando nisso e vou trabalhando para isso.

Jornalista: Senhor Presidente, o senhor insistiu muito sobre esse mau funcionamento do sistema internacional, o senhor falou dos direitos e dos deveres do Brasil em nível internacional. Será que é em função dessa sua preocupação de ter um sistema internacional mais justo, mais eqüitativo, que o senhor está procurando que o Brasil obtenha um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas?

Presidente: Nós não estamos reivindicando apenas para o Brasil, nós estamos reivindicando para outros países. Nós achamos que os continentes precisam



estar melhor representados. Por exemplo, a África pode ter dois países representando no Conselho Permanente das Nações Unidas, no Conselho de Segurança. Na América do Sul, o Brasil é o maior país da América do Sul, por isso estamos reivindicando o direito do Brasil ser membro permanente. Mas estamos reivindicando junto com a Alemanha, estamos reivindicando junto com o Japão, estamos reivindicando junto com a Índia. Não é uma coisa para o Brasil, é uma coisa de um conselho mais representativo, que não seja o reflexo do fim da Segunda Guerra Mundial, mas que seja uma coisa construtiva para o século XXI, para evitar que haja outros Iraques, para evitar que haja outras guerras.

Se você tiver um Conselho de Segurança Permanente mais plural, mais democrático, mais representativo, você pode fazer com que as coisas funcionem mais harmonicamente na ONU e as decisões da ONU possam ser mais respeitadas e levadas mais a sério. É por isso que nós reivindicamos o aumento do número de membros permanente no Conselho de Segurança da ONU. E não reivindicamos apenas para o Brasil, reivindicamos para mais países.

Jornalista: O senhor vai ter êxito nessa sua empreitada?

Presidente: Não sei. Eu penso que há uma tendência junto aos países em desenvolvimento, junto a países como a Alemanha, Índia, Japão, França, Inglaterra, China, África do Sul, Rússia, a América do Sul inteira, todo mundo quer mudança. Possivelmente quem não queira mudança, neste momento, possa ser algum outro país que tem muito poder dentro das Nações Unidas. Mas nós também temos que flexibilizar discutindo politicamente isso. Eu acho que está na hora, ou seja, o mundo de 2005 não é o mundo de 1945, é um outro mundo.

A geografia, a geopolítica do mundo é outra, a geografia comercial é



outra. Portanto, qual o problema de democratizar uma instância importante como o Conselho de Segurança da ONU? Eu acho que nós vamos, senão conquistar tudo que achamos que deveríamos ter, certamente ter mais representatividade. Se o Brasil vai entrar ou não, não sei, porque depende dos votos da ONU. Mas eu penso que, de qualquer forma, nós vamos democratizar a ONU um pouco mais do que ela é hoje.

Jornalista: O senhor entende que para alguns dos seus vizinhos da América do Sul essa ambição do Brasil possa ser um pouco perturbadora?

Presidente: Eu compreendo que nós temos visões políticas diferenciadas sobre determinados temas e isso não implica que a gente não tenha uma relação harmônica sobre todos os outros assuntos do mundo. Quando um país como a Argentina não decide apoiar o Brasil, diz que quer pensar, eu acho normal, eu não posso gostar da Argentina apenas se a Argentina fizer tudo que eu quero, e nem a Argentina pode gostar de mim se eu fizer tudo que eles querem, ou seja, nós temos que nos gostar porque o Brasil e a Argentina dependem um do outro. Nós somos os dois países de economia importante, aqui no Mercosul, na América do Sul. Nós temos uma relação histórica muito forte. Temos divergências. Nós temos divergência no futebol, temos divergência na música, mas tudo isso deve ser levado em conta como um motivo a mais para que a gente possa aprimorar as nossas relações.

Eu tenho, na minha cabeça, a consciência de que a Argentina é um parceiro estratégico, é um parceiro extremamente importante. Nós vamos ter que vencer barreiras, tanto na burocracia brasileira, quanto na burocracia argentina, na burocracia empresarial brasileira, na burocracia empresarial Argentina. Tem gente na Argentina que não gosta do Brasil, tem gente no Brasil que não gosta da Argentina.

Eu não. Eu gosto da Argentina, eu tenho um profundo respeito pelo



presidente Kirchner, tenho uma visão de que a Argentina é estrategicamente muito importante para o Brasil. Muitas vezes eu compreendo a angústia de um governante argentino, em função do potencial econômico do Brasil, do comércio brasileiro, que é muito maior. Isso nós vamos resolver conversando. A maior demonstração que eu posso dar de que gosto da Argentina é que o meu time de futebol, no Brasil, o Corinthians, tem até um técnico argentino, tem jogadores argentinos, ou seja, eu acho que nós estamos vivendo um momento bom.

E nenhuma divergência entre nós, por maior que ela seja, justifica a gente jogar para o plano secundário a quantidade de coisas positivas que nós construímos na América do Sul nesses dois anos e quatro meses em que eu estou no governo, em que o Kirchner está, porque também tem uma novidade na América do Sul: quase todos os presidentes são da mesma época. O mais novo é o presidente Tabaré Vasquez, do Uruguai, mas todos os outros têm quase dois anos de existência, terminam o mandato mais ou menos no mesmo período. E nós temos que aprender que a América do Sul é maior do que realmente a sua economia. Basta que nós acreditemos nela.

Jornalista: Isso quer dizer, para falar das relações com os seus vizinhos, que o senhor vai apoiar a candidatura à Presidência da OMC, do uruguaio ou do francês Pascal Lamy?

Presidente: Eu acho que sim. Veja, eu acho que o Brasil, nesse aspecto, como maior economia, como país de maior população, nós temos que dar demonstração de que fazemos a democracia em toda a sua plenitude. Nós tentamos disputar a OMC porque entendíamos que nem o Lamy nem o Uruguai representavam aquilo em que o Brasil tinha interesse. Nós perdemos.

Agora, o que está em jogo é a disputa entre um representante da União Européia e um representante da América do Sul. E o Brasil certamente votará



com a América do Sul, não tem problema.

Jornalista: Senhor Presidente, o senhor, que viveu o destino coletivo, como o senhor se habituou à solidão do poder?

Presidente: Depende... Você sabe que a solidão do poder, ela é mais na parte íntima da minha vida pessoal, porque as minhas decisões, elas são muito coletivas. Ou seja, as decisões mais importantes, eu tenho uma coordenação de governo, eu tenho Câmaras Setoriais em que nós decidimos as coisas conjuntamente.

A minha solidão é que eu não posso mais fazer o que eu fazia antes. Eu não posso freqüentar os mesmos lugares que eu freqüentava antes, não posso participar de muitas coisas de que eu gostaria de participar. Então, eu me recolho em casa, no final de semana, com a minha mulher, quando estou aqui em Brasília, e com meus filhos quando estou em São Paulo.

Mas, de qualquer forma, em um mandato de quatro anos não é nenhum sacrifício você abrir mão de algumas coisas pessoais em quatro anos. Eu acho que a solidão na vida pessoal, ela é muito complicada. Eu, pelo menos, sou um homem de muitos amigos, eu gosto de conviver com muita gente, eu sempre fui assim. E agora, muitas vezes, eu passo o final de semana sozinho, eu e Marisa, porque não posso chamar uma pessoa, que pode causar ciúmes à outra, que vai ficar reclamando. Então, você termina se recolhendo sozinho.

Quando é que eu fico muito bem? Quando eu vou para a minha casa, que estão todos os meus filhos em casa, que eu passo um sábado e domingo brincando e brigando com meus filhos. Aí eu volto à minha vida real.

Jornalista: Eu sei que em 14 de julho o senhor vai estar em Paris, o senhor vai assistir ao desfile de 14 de julho ao lado do presidente Chirac. O que vai representar para o senhor estar nessa tribuna, ver essas tropas francesas,



essas tropas brasileiras. Com o que aconteceu no mundo, desde 1789, os franceses têm a pretensão de que essa é uma data muito importante, a Revolução Francesa. O que simboliza essa data para o senhor?

Presidente: Mas eu acho que não é importante para os franceses, a Revolução Francesa é importante para a humanidade. Ela é importante para todo o mundo. Ela é importante para todos os amantes da liberdade e da democracia.

Então, eu estarei, no dia 14 de julho, com muito orgulho, com um contingente das tropas brasileiras desfilando, com muitos artistas brasileiros fazendo um show no dia 13. E eu penso que esse é um momento extraordinário da gente mostrar para a França e para o público europeu que estará na França, para a juventude francesa, o que é o Brasil, o que é o Brasil no mundo dos negócios, o que é o Brasil no mundo da música, o que é o Brasil no mundo das artes, o que é o Brasil, com toda a sua complexidade, mas com toda a sua capacidade e sua inteligência.

Eu acho que vai ser um momento muito importante para o Brasil. É com muito orgulho que nós estamos, desde março, trabalhando neste Ano Brasil-França, que vai terminar em dezembro e, da nossa parte, estamos fazendo todo o esforço para que seja a melhor coisa que o Brasil já pôde apresentar fora do seu país. Eu, com muito orgulho estarei, com muito prazer, em Paris, nos dias 13 e 14 para participar desse desfile.

Jornalista: Senhor Presidente, os europeus, os franceses, descobriram a sua biografia desde que o senhor é Presidente, desde até quando a sua biografia é importante? Muitas vezes o senhor diz que “eu penso, por exemplo, o que teria feito a minha mãe no meu lugar” O seu passado está muito presente no seu dia-a-dia, no seu cotidiano de hoje?



Presidente: Eu não sei se alguns europeus descobriram a minha biografia agora, depois que eu fui eleito. O dado concreto é que nós sempre fizemos uma forte relação enquanto sindicalista e enquanto partido político com as entidades sindicais e os partidos políticos europeus. O PT tem relações com o PF francês desde a sua fundação. Nós temos relações com o SPD alemão desde a nossa fundação, nós temos relações com o Partido Socialista Português há muito tempo. Eu tive relações sindicais com as centrais sindicais francesas desde a década de 80, com a italiana desde a década de 80, com a alemã desde a década de 80. Então, a minha relação era muito forte.

Obviamente que depois que você vira Presidente, você fica mais importante, então as pessoas dão mais atenção, tem até um livro em árabe aqui... E eu penso que, eu faço questão, de não esquecer nunca de onde eu vim, de não esquecer quem são meus verdadeiros amigos, meus verdadeiros companheiros, e para onde eu vou. Eu estou apenas cumprindo um mandato neste país. Quando terminar o mandato, eu vou voltar a ser o Lula, vou morar onde eu sempre morei, a 600 metros do meu Sindicato, que é a razão da minha entrada na política; quero continuar freqüentando “porta de fábrica”, quero continuar as coisas que eu fazia, porque é o que aprendi a fazer.

Eu não permito deixar um cargo subir à minha cabeça. Eu estou de passagem aqui. E tenho que fazer o máximo que eu puder fazer, mas sem esquecer o que eu sou. E, aí, eu tenho muito a ver com a história da minha mãe, porque o gesto dela, de criar oito filhos sozinha, sem pai, e criar oito pessoas, todas constituíram família, trabalharam e um ainda virou Presidente da República. Obviamente que o meu passado está muito no meu comportamento cotidiano, está muito no que eu penso para o futuro.

E eu acho que isso é a coisa mais importante que a gente pode deixar para os outros. Eu tenho cinco filhos e eu não tenho nenhum interesse em deixar, algum dia, algum bem material para meus filhos. Eles todos já se formaram, portanto, todos já têm oito anos de estudo a mais do que eu. O que



eu quero deixar é um legado de bons exemplos, de boa “ensinança”, como dizem os brasileiros, para que eles, com um comportamento sério, sejam homens bons e mulheres boas daqui para a frente. É só isso, nada mais do que isso.

Jornalista: Uma última pergunta, senhor Presidente. O senhor falava do seu mandato, do seu retorno à vida cotidiana, à vida comum. O que o senhor gostaria, mais tarde, que se dissesse da sua passagem pela Presidência, Lula, Presidente do Brasil. O que o senhor gostaria que os livros de história, que a memória nacional brasileira dissesse do senhor?

Presidente: Bem, eu não gostaria que os livros dissessem, eu gostaria que eles constatassem o que foi feito no meu governo. Porque eu não quero que, no futuro, se faça uma biografia inventando coisas, boas ou ruins, que eu não fiz. O que eu quero é que se constate o que aconteceu depois da nossa passagem pelo governo.

E só Deus sabe o que nós passamos no primeiro ano para não permitir que este país quebrasse. Ou seja, nós tivemos que fazer um aperto fiscal muito duro, para que a gente pudesse colher, em 2004, um crescimento do PIB de 5.2%.

Nós temos uma economia ainda vulnerável, e o acerto do futuro do Brasil depende do equilíbrio emocional que eu tenha até o final do meu mandato. Se eu permitir que por conta da eleição do próximo ano, que a gente comece a gastar dinheiro que a gente não tem, a contrair dívidas e fazer populismo, como já aconteceu muitas vezes neste país, este país estará jogando fora mais uma oportunidade, já jogamos muitas. E eu não quero jogar nenhuma oportunidade fora.

Eu quero que as pessoas saibam, daqui a 30 ou 40 anos, que um dia este país teve um Presidente metalúrgico, dirigente sindical, que criou as bases



para que nós nos transformássemos numa economia sólida, em que a gente pudesse acabar com uma cultura inflacionária e para que a gente pudesse estabelecer uma política de distribuição de renda no país. Em nenhum momento da história do Brasil, ninguém fez tanto pelos pobres deste país, pela agricultura familiar e pelos pequenos deste país, com grandes políticas de microcrédito que nós estamos fazendo.

Agora, muitas vezes, o resultado de uma política dessa vai acontecer daqui a 10 anos, 15 anos, 20 anos. Nós estamos lançando, no Brasil, um programa de biodiesel que eu acho que será o grande programa energético deste país, que vai transformar o petróleo numa coisa muito menos importante do que ele é hoje para o nosso país. Energia menos poluente, mais geradora de empregos e renovável. Portanto, nós não vamos ficar na dependência de ficar, todo santo dia, olhando o preço do petróleo. Nós temos o etanol, somos o maior produtor de etanol do mundo e queremos ser o maior produtor de biodiesel do mundo. E estamos fazendo isso nas regiões mais pobres do Brasil.

E eu acho que, daqui a pouco, nós vamos estar podendo transitar em carros que não vão ter gasolina nem vão ter óleo diesel, que vão ter álcool, que vão ter biodiesel, menos poluente. Portanto, estaremos dando a nossa contribuição na recuperação climática do planeta, não emitindo os gases que os países ricos normalmente emitem.

Então, eu não sei. Eu não tenho como definir o que eu gostaria que falassem de mim. Se falarem apenas o que eu fui já está bom, não precisa acrescentar uma vírgula, que normalmente são acrescentadas na biografia. Eu quero apenas que retratem, com a maior sinceridade, o que eu fiz e critiquem o que eu não fiz, e já estará bom.

Jornalista: Obrigado, senhor Presidente, pela sua recepção, pela sua paciência, pela sua hospitalidade, nesta fantástica cidade de Brasília, que já



nos dá uma imagem... já é o esboço de um Brasil futurista. Muito obrigado, uma vez mais, em nome dos meus colegas e dos meus camaradas.

Presidente: Obrigado a vocês, e eu espero ter respondido a contento as perguntas. Se faltou alguma coisa, estejam à disposição.

Jornalista: Apenas uma última pergunta. Sobre a África, o que o senhor, o democrata, o sindicalista, o Presidente eleito do Brasil, o que o senhor diz aos presidentes africanos que querem se manter no poder a qualquer custo, sem levar em consideração as urnas?

Presidente: Veja, a primeira coisa que eu digo para os presidentes é que somente a democracia e somente a paz serão capazes de dar oportunidade aos países africanos de se desenvolverem. Porque, se permanecerem os conflitos que existem hoje, guerras atrás de guerras, vai ser muito mais difícil.

Então, nós temos uma extraordinária relação. Eu conversei com todos os 14 presidentes que eu visitei, mostrando que a paz e a democracia devem ser um objetivo estratégico a ser conseguido a qualquer custo. Porque é isso que vai dar à África a chance de crescer, a chance de se desenvolver, e a chance, inclusive, da gente convencer outros países ricos a ajudarem mais a África.

E eu acho que nós temos gente já muito madura. Eu tenho muita expectativa nos países africanos. Eu acho que eles descobriram que precisam da paz para aquele Continente deixar de ser um eterno Continente pobre. E isso me deixa muito feliz. E, naquilo que nós pudermos ajudar, nós iremos fazer para ajudá-los.

Jornalista: Muito obrigado. Obrigado, mais uma vez, senhor Presidente.



Presidente: Obrigado a vocês.